

COLUNA

CAPOEIRANDO

Jeferson do Nascimento Machado

Juliano Lima Schualtz

Gilles Deleuze e Félix Guattari: micropolíticas da capoeira

Para esta coluna, vamos partir da seguinte hipótese: e se Deleuze ou Guattari tivessem assistido a uma roda de capoeira durante a escrita da coletânea *Mil Platôs*, haveria um *platô* especialmente para essa prática?

Porém, antes de discorrermos sobre essa hipótese e buscarmos responder a questão colocada, acreditarmos ser necessário algum esclarecimento breve sobre o que entendemos por *plato*. Esse conceito, que está em Deleuze e Guattari, deve



ser entendido enquanto um horizonte de experimentação, isto é, ele agencia um mapa atravessado por linhas, fluxos e máquinas que se encontram e se ramificam.

E, levando em conta essa conceituação de *platô*, pretendemos criar conexões com os conceitos de “*menor*” e “*máquina de guerra*”, passando por algumas estéticas negras e dando ênfase na capoeira - procurando transversalizar esses elementos em práticas micropolíticas.

As práticas micropolíticas, que aqui nos referimos, tratam-se dos modos de resistência que emergem no cotidiano, formando pequenos recortes sociais, os quais funcionam de forma mais ou menos autônoma, sendo capaz de produzir vida no interior de certas conjunturas.

O conceito de “*menor*” é desenvolvido pelos autores no livro “*Kafka; por uma literatura menor*”, de 1975. Livro escrito na fissura entre o “*Anti Édipo*” (1972) e

a coletânea “*Mil Plátos*” (1980). No livro em questão, o conceito é associado à literatura de Franz Kafka. Para os autores, “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior [...]” (Deleuze & Guattari, 2014, p. 35). É preciso tensionar os limites da linguagem, para assim, *desterritorializar*. O político está atrelado ao duplo jogo de *enunciação individuada* e *enunciação coletiva*, ou seja, não há literatura menor no registro individual:

“o caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto toda uma outra história agita nela” (Deleuze & Guattari, 2014, p. 36).

Ainda:

“é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade em potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade.” (Deleuze & Guattari, 2017, p. 37).



Os usos e sentidos menores que os grupos marginalizados suplementam e constroem a partir de uma língua maior, produzem linhas de fuga para fora do cânone literário e da História Oficial, que no exemplo dos autores, pode ser “[...] o que os negros podem fazer com o inglês norte-americano [...]” (Deleuze & Guattari, 2014, p. 38). No caso brasileiro, isso pode ser visto naquilo que Machado de Assis, Maria Firmino dos Reis e Lima Barreto fizeram com a língua portuguesa, dessacralizando-a e a profanando. Ou ainda, como sugere, em uma de suas canções, o *rapper* Emicida: “e dar outro sentido pra frase tinha que ser preto”.

Agora, já adentrando no campo específico da capoeira, a pergunta emergente que devemos fazer é: “a capoeira sempre foi ou é uma prática menor ou antes, a história deve ser *menor*?”, uma vez que essa arte marcial-afro surgiu no contexto colonial? Para aprofundar essas indagações vamos utilizar um artigo de Camille Dumoulié.

No artigo de Camille Dumoulié, intitulado “*A capoeira, uma filosofia do corpo*”, de 2008, encontramos uma leitura da prática a partir do instrumental deleuziano-guattariniano. Visando, assim, construir uma *poética da capoeira*. Primeiramente, Dumoulié nos lembra que “*a filosofia do Ser caracteriza o pensamento branco na medida em que o Ser*”, a construção da metafísica ocidental produziu um ideal narcisicamente branco. Continuando nas palavras de Dumoulié, “*o escravo, no caso o escravo negro do Brasil, teve que inventar para si uma existência fora do Ser*”, ou seja, os africanos escravizados passaram a construir comunidades, como por exemplo, os quilombos e as maltas, para se organizarem e resistirem, produzindo vivências fora do Ser: vivências em movimento, agenciando seus devires para uma nova diáspora comunitária, promovendo um entrelaçamento intenso de micropolíticas da capoeira emulando contra a máquina sedentária do colonialismo.

Vale acrescentar que o ator principal da micropolítica é o corpo, é o grupo, é a tribo. Assim sendo, é pelo e a partir do corpo que o jogo de capoeira se inicia, atrelado ao instrumental, compondo o plano estético no interior da roda. O corpo do capoeirista é fugidio à disciplina, à civilidade - opera contras as forças organicistas, é um corpo que se desmonta – um corpo sem órgãos – que se reinventa em sua aliança com devires, embaralhando as hierarquias e funcionando através de fluxos e conexões. Um corpo negro escravizado torna-se estático, alienado. A capoeira é um instrumento clínico, estético e político para a desalienação desse corpo produzido pelo *modo de produção escravagista-colonial*. Nesse sentido, essa prática promove aberturas que possibilitam a remontagem de um corpo outro. Nomes comuns de movimentos da capoeira: rabo de arraia, macaco, escorpião, voo do morcego, inscrevem através de linhas de força e intensidade o devir-animal da capoeira.

Outro conceito que o autor mobiliza é a capoeira enquanto *máquina de guerra*. Esse conceito caminha em conflito com o Estado. O Estado, por vezes, um universal abstrato, mas, que existe através das instituições e relações sociais. Para Deleuze & Guattari, o Estado funciona enquanto um aparelho de captura, sendo o seu próprio campo gravitacional atraindo e codificando os fluxos fora da lei, da ordem, da disciplina. A *máquina de guerra* é aquilo que resiste, que nega a captura e produz estratégias. Se pensarmos na capoeira no séc. XIX e uma



boa parte do séc. XX, seu uso pelos escravizados e ex-escravizados constitui esse agenciamento com a *máquina de guerra*; contra os seus senhores, o Estado e, no contexto republicano, a polícia.

Dumouillé, encerra seu artigo com a seguinte frase “E se, de tudo isso, pudéssemos fazer uma filosofia!”, acertadamente a escritura de Dumouillé estampou outro platô e nos abriu a possibilidade em abordar outras micropolíticas, mais do que isso, trouxe à tona uma prática de sujeitos febris, e mais: buscou pensar a Filosofia possuindo como perspectiva a capoeira. Além disso, devemos pontuar que esses elementos corroboram para a sua possível *poética da capoeira*, que pode nos servir enquanto um diagnóstico das nossas formas colonizadas de pensar e recepcionar.

Por fim, as micropolíticas da capoeira, do jazz, da literatura afro-brasileira, do rap, agitam-se historicamente e produzem descontinuidades, ou seja, modos de resistência e nomadismo. Dessa maneira, a micropolítica se vinculada ao *menor* que produz suas tribos e comunidades em estratos de multiplicidade. Pensá-las, insere a possibilidade em escrever os corpos apartados, que operam em constante migração.

PARA SABER MAIS:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; **Mil Platôs. Vol.5**. São Paulo, 1997.

DUMOUILÉ, Camille. A Capoeira, Uma Filosofia do Corpo. **IARA, Revista de Moda, Cultura e Arte**. 2008.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1978. 6.ed. (definitiva), 1992. 2.imp., 2005



Jeferson do Nascimento Machado

É Graduado e Mestre em História pela Universidade Estadual do centro Oeste. No campo acadêmico tem desenvolvido estudos sobre a Capoeira, em especial, da Capoeira paranaense. Além disso, também foi praticante assíduo da Capoeira por longo tempo, tendo deixado a prática em 2011, quando ingressou na vida acadêmica. Desde a entrada na academia, até hoje, tem se dedicado ao estudo da prática.

E-mail: jefersondonascimentomachado@gmail.com

Juliano Lima Schuartz



É estudante de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e militante no Coletivo Negro Ilê Aiyê, na mesma universidade. Neste coletivo, participa de um grupo de estudos sobre autores outsiders, que são poucos explorados pela academia, como Frantz Fanon, Achille Mbembe, Angela Davis, entre outros. Além disso, começa a desenvolver estudos acerca da literatura brasileira contemporânea. Também inicia estudos sobre o negro e a Capoeira. No geral, acerca do campo teórico, tem realizado diálogo com os estudos pós-coloniais, decoloniais e pós-estruturalistas. Além de tudo, também praticou capoeira por alguns anos e busca desenvolver um projeto de Capoeira dentro da universidade. E-mail: juschualtz@gmail.com